Teorias da imagem na Antiguidade

Marcelo P. Marques
(org.)

Teorias da imagem na Antiguidade

PAULUS

Direção editorial: *Zolferino Tonon*
Coordenação editorial: *Claudiano Avelino dos Santos*
Assistente editorial: *Jacqueline Mendes Fontes*
Diagramação: *Ana Lúcia Perfoncio*
Capa: *Marcelo Campanhã*
Foto capa: *VagoColetivo*
Impressão e acabamento: PAULUS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Teorias da imagem na Antiguidade / Marcelo Pimenta Marques, (org.). – São Paulo: Paulus, 2012.
ISBN 978-85-349-3367-4
1. Ensaios 2. Filosofia antiga 3. Imagem (Filosofia) I. Marques, Marcelo Pimenta.

12-05778 CDD-102

Índices para catálogo sistemático:
1. Ensaios filosóficos 102
2. Filosofia : Ensaios 102

1ª edição, 2012

© PAULUS – 2012
Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091 • São Paulo (Brasil)
Fax (11) 5579-3627 • Tel. (11) 5087-3700
www.paulus.com.br • editorial@paulus.com.br

ISBN 978-85-349-3367-4

APRESENTAÇÃO

Os textos aqui reunidos foram apresentados em duas ocasiões diferentes, no âmbito das atividades acadêmicas do Programa de Pós-graduação em Filosofia da UFMG, em Belo Horizonte. Em 2010, a Linha de Pesquisa *Filosofia Antiga e Medieval* promoveu o seminário *Teorias da Imagem na Antiguidade*, com treze sessões ao longo do segundo semestre, das quais seis estão aqui transcritas. Em 2011, o *GFA – Grupo de Filosofia Antiga da UFMG*, constituído por quatro professores desta linha de pesquisa, promoveu, sob minha coordenação, o *III Simpósio Internacional de Filosofia Antiga da UFMG – Teorias da Imagem na Antiguidade*, do qual participaram seis professores estrangeiros, assim como professores de outras instituições nacionais, alunos e ex-alunos convidados. Tanto nos Seminários da pós-graduação, como nos sucessivos Simpósios, contamos sempre com os colegas pesquisadores do *NEAM – Núcleo de Estudos Antigos e Medievais da UFMG*, que reúne professores e alunos de Letras Clássicas, História e Filosofia Antiga.[1]

[1] O GFA é composto pelos professores pesquisadores: Marcelo P. Marques, Fernando Rey Puente, Miriam C. D. Peixoto e Maria Cecília M. N. Coelho. Eventos anteriores do GFA: I Simpósio Internacional de Estudos Antigos – A saúde dos antigos. Publicação: PEIXOTO, Miriam C. D. (Org.) *A saúde dos antigos. Reflexões gregas e romanas*. São Paulo: Loyola, 2009. II Simpósio Internacional de Estudos Antigos – O conceito de *phýsis / natura* na filosofia antiga. Publicação: número temático da Revista *Kriterion* 122 (2010), UFMG.

Na cultura contemporânea, o problema filosófico da *imagem* adquire grande amplitude e espantosa complexidade, exigindo a perspicácia reflexiva de pensadores das mais diversas áreas, que convergem para este tema, ao mesmo tempo, fascinante e decisivo para a compreensão da ação humana – filosofia da cultura, estética, teoria literária, teorias da comunicação, psicologia, filosofia da ação, epistemologia e ontologia, ética e filosofia política.

Mas a pesquisa sobre a mesma questão na Antiguidade mostra que as imagens se tornaram objeto de reflexão, mais ou menos sistemática, já entre os primeiros poetas e filósofos gregos. De maneira intensiva, a cultura antiga se pergunta o que é a imagem, em suas diferentes modalidades, descrevendo seus modos de produção e utilização, e discutindo seu papel na constituição do conhecimento e na formação do ser humano.

Sem nos propormos um recorte histórico, podemos dizer que os textos realizam um percurso – a visibilidade na vida política, as relações entre as tradições imagética e narrativa nas artes e na poesia, a reflexão entre os pré-socráticos, Platão, Aristóteles, Epicuro e, finalmente, a Antiguidade tardia –, sendo que no conjunto dos textos são postas e discutidas algumas das conexões conceituais nucleares do problema filosófico da imagem na Antiguidade.

Estudos comparativos das relações entre imagem e narrativa revelam a profusão do material iconográfico legado pela tradição, que exige recursos teóricos cada vez mais apurados (semióticas narrativa e imagética), para dar conta da relativa autonomia, assim como das interfaces entre as dimensões visual, mental e verbal da produção de imagens.

Entre os primeiros pensadores gregos, poetas e filósofos, o caráter autônomo da 'aparição', por um lado, e a não distinção entre 'percepção' e 'pensamento', por outro, cedem, aos poucos, às primeiras diferenciações entre a representação e seu objeto, à problematização 'do que aparece' por oposição à objetividade do que permanece 'externo'. As questões (epistêmicas e éti-

cas) do relativismo e do ceticismo, os problemas (ontológicos e epistêmicos) da mudança e da estabilidade são abordados, sob a perspectiva da formação de imagens, na mente e fora dela.

Com Platão e Aristóteles emerge todo um campo de problemas e conceitos relativos à produção de imagens – plásticas, visuais, psíquicas ou mentais. A imaginação é estudada a partir de exigências e interesses teóricos diversos, constituindo um rico campo de relações conceituais. Um intricado campo semântico se forma em torno dos termos *eído<u>o</u>lon*, *eik<u>ó</u>n* - *eikasía*, *phántasma*, *phantasía*, nos textos platônicos e aristotélicos, a partir dos quais a pesquisa recente tem produzido uma quantidade significativa de publicações. Essa pesquisa se justifica, na medida em que são muitos os equívocos interpretativos que se fixaram historicamente na tradição filosófica e que exigem revisão e atualização por parte dos estudiosos. Os problemas vão do questionamento e redefinição da relação entre percepção sensível e intelecção à análise da relação entre imaginação e memória, passando pelos modos como as tradições imagéticas e discursivas se entrecruzam e dialogam e, ainda, pelo reconhecimento da dimensão retórica presente na argumentação filosófica.

Em Platão, a crítica às pretensões cognitivas da percepção sensível leva tanto à explicitação da imagem enquanto falsidade e contrafação, como à inevitabilidade de se recorrer a ela para explicar a memória e o discurso. Além da tese de que o nome deve ser pensado como imagem, cabe levantar o problema do alcance cognitivo da língua, assim como a analogia entre a nomeação, a imaginação e a técnica da pintura. Finalmente, a imagem tem seu lugar na dinâmica das relações entre desejo, representação e esperança (ou expectativa), no âmbito da teoria do psiquismo humano, em particular, na teoria do prazer.

Em Aristóteles, o envolvimento entre imagem e pensamento é nuclear: não se pode pensar sem imagens. A parte intelectiva da alma pensa as formas nas imagens; a imaginação é diversa seja da sensação, seja do pensamento, mas sem a primeira não há apreensão intelectiva. Apesar de pertencer à parte sensitiva

da alma, a imaginação aparece no homem ao mesmo tempo em que a afecção constitutiva da memória, garantindo um estatuto duplo à imagem: ela é por si mesma e é também relativa a algo outro; mesmo sendo objetivamente da ordem do sensível, a imagem é em si mesma como uma noção inteligível.

A principal mudança com relação à imagem, entre a Antiguidade clássica e a Antiguidade tardia, neo-platônica e cristã, está relacionada com a transferência do registro ontológico para o registro teológico, consequência da relação polêmica entre a patrística e a metafísica cristã, entre as teses platônicas e a crítica aristotélica. A imagem não é mais um duplo, mas o reflexo do um, o que faz com que ela mude de natureza; ela não é mais segunda, mas adquire uma natureza própria que lhe dá a possibilidade de proporcionar um conhecimento em potência da identidade divina.

OS AUTORES

José Antonio DabdabTrabulsi é Professor Titular do Departamento de História da UFMG e atua na área de História Antiga, principalmente na relação entre historiografia e política. O Prof. Trabulsi propõe, no texto que abre esta coletânea, algumas reflexões sobre as fontes, no que se refere a aspectos decisivos da vivência política na *pólis* democrática, principalmente os efeitos do "ver-se juntos" nas reuniões coletivas, a "visibilidade" das decisões públicas e o "dar a ver" na publicidade das decisões.

Jacyntho Lins Brandão é Professor Titular de Língua e Literatura Grega da UFMG e atua nas áreas de Línguas, Literaturas e Filologia Clássicas, Luciano de Samósata, Platão, Homero, Mitologia Grega e Poéticas Clássicas. O Prof. Brandão discute as complexas relações entre as tradições verbal e imagética da cultura grega, a transmissão da segunda (imagens pintadas e esculpidas) tendo se constituído como disciplina mais recentemente, a partir da arqueologia moderna e contando com os recursos da fotografia.

Daniel Rinaldi é Professor na Universidad de la República, Uruguai, e atua nas áreas de literatura comparada, literatura e artes plásticas, o teatro clássico e sua tradição no ocidente. Em seu texto, o Prof. Rinaldi apresenta e discute o problema das relações entre pintura e literatura, através da análise de passagens de Filóstrato e de odes anacreônticas, assim como da análise de representações do Rio Nilo em diversos suportes materiais (moedas, estátuas, desenhos e pinturas).

Giovanni Casertano é Professor Titular na Università degli Studi di Napoli "Federico II", Itália, e atua na área de História da Filosofia Antiga, pré-socráticos e Platão, paradigmas da verdade, teorias da linguagem. O Prof. Casertano amplia a discussão que havia feito no Seminário de 2010 sobre os filósofos pré-socráticos, sondando os sentidos precisos dos termos que constituem o campo semântico da 'imagem', entre os Pitagóricos, Heráclito, Parmênides, Empédocles e Demócrito.

Lidia Palumbo é Professora Associada na Università degli Studi di Napoli "Federico II" e trabalha com *mímesis* e representação em Platão e Aristóteles, retórica e dialética, não-ser e aparência e teoria da imaginação. No seu arigo, a Profa. Palumbo trata da polissemia da noção de imagem em Platão, sua relação com a questão ontológica do não-ser, entre a *República* e o *Sofista*, passando pelo *Crátilo* e pelo *Teeteto*.

Francisco Gonzales é Professor de Filosofia Antiga da Universidade de Ottawa, Canadá, pesquisa a invenção do método filosófico no pensamento grego antigo, em oposição à retórica e à poesia, o significado de *eîdos* em Platão e Aristóteles, assim como a interpretação heideggeriana de Platão e Aristóteles. No seu texto, o Prof. Gonzales compara as diferentes abordagens utilizadas por Platão para pensar a noção de 'produção de imagens', pelo filósofo e pelo não-filósofo, na *República* e no *Fédon*.

Maria Aparecida de Paiva Montenegro é Professora Associada na Universidade Federal do Ceará e trabalha principalmente com Filosofia Antiga, nas suas relações com a Filosofia da Linguagem, a Literatura, a Filosofia da Mente e a Psicanálise;

pesquisa principalmente conhecimento e linguagem em Platão. Em seu artigo, trata tanto do caráter imagético dos próprios diálogos, como do uso metódico que é feito de imagens para lidar com questões metafísicas; seu foco é posto na relação entre linguagem e imagem que, ao mesmo tempo em que facilitam, indicam os limites do conhecimento humano.

Marcelo P. Marques é Professor Associado de Filosofia Grega na UFMG, trabalhando, principalmente, com Platão e pré-socráticos, nas áreas de Ontologia e Linguagem, Antropologia, Ética, Filosofia e Literatura, e ainda, ensino de Filosofia. Neste volume, o tema tratado é o problema da imaginação na teoria platônica do prazer do *Filebo*, com destaque às questões do papel da opinião, do prazer antecipativo e dos prazeres falsos.

Pierre-Marie Morel é professor na École Normale Supérieure de Lyon, França, trabalha com filosofia natural, teorias da ação e filosofia política, com publicações sobre a tradição atomista, Epicuro e Aristóteles. Em seu texto, neste volume, o Prof. Morel analisa a atividade imagética, em Aristóteles, priorizando tanto sua dimensão dialética como a natureza física da imagem, em suas dimensões cinética e fisiológica, através do estudo de um dos tratados sobre o sono e os sonhos, *Da adivinhação no sonho*.

Markus Figueira da Silva é professor da Universidade Federal do Rio Grande do Norte e trabalha com filosofia antiga, principalmente com filosofia helenística, em particular, com a ética de Epicuro. Em seu artigo, o Prof. Silva estuda os passos 46 a 53 da *Carta a Heródoto*, onde Epicuro expõe sua teoria das imagens como simulacros, impressões sensíveis ou elementos, que constituem o pensamento. Explicita, assim, como o pensamento opera com imagens impressas na memória, apontando o alcance e os limites da teoria da percepção epicurista.

Loraine de Fátima Oliveira é professora da Universidade de Brasília, e pesquisa as faculdades cognitivas da alma, a função da imagem nos processos cognitivos, a relação entre imagem e discurso na filosofia de Plotino e outros autores do platonismo

tardio; e, ainda, a filosofia como modo de vida na Antiguidade. Em seu texto, a Profa. Oliveira pretende compreender o estatuto intermediário da imaginação em Plotino sob dois aspectos. Por um lado, ela é compreendida como a faculdade cognitiva capaz de produzir a percepção dos dados do sensível, mas também do ato de pensamento. Por outro lado, a memória é atividade da faculdade imaginativa, que retém as imagens e possibilita a distinção entre imagem e pensamento. É assim que a imaginação permite ao homem ter consciência tanto da eternidade do ato de pensamento, como da temporalidade do pensamento discursivo.

Anca Vasiliu é pesquisadora do CNRS, França, e trabalha com o problema filosófico da imagem, de Platão a Basílio de Cesareia, Antiguidade grega, Bizâncio e Idade Média Latina. No artigo que fecha esta coletânea, a Profa. Vasiliu reflete sobre as relações intricadas entre linguagem e imagem, fazendo um amplo percurso por pensadores da Antiguidade tardia – indo de Platão a Gregório de Nissa, e acompanhando a emergência da noção de pessoa, na relação com o divino, através de temas como o conhecimento de si através da imagem de si, a pintura de si entre o aspecto e o retrato –, percurso no qual são destacados os casos de Alcibíades, de Sócrates e do imperador Juliano.

Marcelo P. Marques
Belo Horizonte, Dezembro 2011